

Letrário\**editora*

**O buraco**

**Francisco Pascoal Pinto**

Março de 2009



Ocorreu mais ou menos como vou lhes descrever: mal o ônibus 779, Vila Buarque – Estação da Luz, adentrou o túnel mal iluminado na região central, apelidado pelos paulistanos mais antigos de buraco do Adhemar, o rapaz de touca azul-escura e moletom, sentado logo atrás do motorista, sacou de um revólver niquelado, cano curto, e enfiou bem no peito raquítico do cobrador.

– Perdeu, velho! Passa tudo aí, vamos!" – exigiu com a arrogância de quem está em vantagem.

O cobrador, um sujeito de bigodinho à antiga e olheiras acentuadas, que estivera cochilando no embalo sacolejante do coletivo, atrapalhou-se na tentativa de juntar passes, notas amarfanhadas e moedas, que lhe escaparam por entre os dedos ossudos e rolaram pelo piso emborrachado do veículo. Lá no fundo, próximo da saída, eu comecei a rezar; mas, por via das dúvidas, ou obedecendo ao que se pode chamar de instinto natural de autopreservação, não fiz o sinal da cruz, para que o gesto sagrado não fosse interpretado pelo delinqüente juvenil como um movimento brusco – acho que li este procedimento em algum lugar, ou vi na TV.

Esvaziado o caixa, olhos injetados e dedo nervoso, o assaltante voltou-se para o único passageiro, no caso, eu mesmo.

– E tu aí, oh, xará! Passa tudo aí – ele sintetizava seu vil intento usando sempre esta frase –, rapidinho, se não mando um teco daqui mesmo!

Contra este tipo de argumento, bem sei, não há muito a questionar. Mãos à vista, tentei manter a calma e fazer o que o bandido ordenava.

Naquele bendito instante, quando lances da minha insignificante vida de professor da rede pública se arriscavam a passar diante de mim tentando chamar minha atenção, aconteceu o imprevisto: eis que havia um buraco no caminho. Irônico. Um buraco dentro do buraco do Adhemar. Analisando pelo ponto de vista de quem sobrevive a passar noções de geografia a adolescentes desorientados, podemos até chamar aquilo de cratera. Uma cratera pequenina, se a compararmos, por exemplo, com aquela do metrô da linha amarela que, no outro dia, engoliu casas e gentes. Uma cratera pequena, porém providencial, que engoliu o eixo dianteiro do coletivo e nos atirou aos quatro – o motorista, o cobrador, o assaltante e eu –, feito bonecos de vitrine, de encontro ao teto e, em seguida, pela força da senhora gravidade, contra sustentáculos de alumínio, volante, catraca, bancos moldados em fibra de vidro rabiscados com palavrões, desenhos toscos e declarações singelas de amor.

No caos estabelecido, ouviram-se gritos e um estampido seco. A bala liberta acidentalmente pela agulha acabou por se alojar justo na frente daquele que ainda há pouco dela se sentia senhor. Todos nos levantámos, menos o rapaz de touca. O sangue que escorria rumo aos degraus da porta de entrada era escuro como o óleo que vazava do cárter estourado.

Cada um teve sua reação pessoal: o motorista beijou, emocionado e várias vezes, o Santo Expedito imantado no painel; o cobrador, atarantado, desceu, mancando de uma perna, e saiu à procura de um orelhão de onde pudesse ligar para o distrito policial; e eu... Bem, eu apalpei-me e dei-me por satisfeito: nenhum osso quebrado, algumas escoriações e só. O importante é que estava vivo.

Agora, são quase duas da madrugada e estamos – o motorista, o cobrador e eu – na sala de espera do 5.º distrito policial, na Liberdade, aguardando para sermos atendidos. A despeito do horário, a movimentação é

intensa. Logo o delegado de plantão vai nos interrogar, mandar o escrivão abrir um B.O.\* e, com sorte, seremos liberados. Temo apenas que num lapso de eficiência, algo não muito comum nos dias de hoje, principalmente se tratando de um crime banal, ele decida convocar um perito para submeter-nos a um daqueles exames residuográficos nas mãos para detectar vestígios de pólvora – é que ontem à tarde, na festa junina do colégio onde leciono, fui eu o responsável por soltar rojões e fogos de artifícios.

\*B. O. – boletim de ocorrência

**Fim**



## **Francisco (Chico) Pascoal Pinto**

Formado em Publicidade e Propaganda pela Faculdade Cásper Libero, é contista, roteirista de quadrinhos e poeta bissexto. Publica em *sites* da grande rede como Veropoema, Anjos de Prata, Releituras e nas Revistas Digitais Terrozine, Veredas e Minguante (minicontos).

Os aspectos violentos da vida têm influenciado deveras o seu trabalho de escriba; para relaxar e não perder a ternura, tem se aventurado ultimamente na literatura infantil.

blogue: <http://microrelatosdocheeko.blogspot.com>

Letrário\* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

[http://www.letorario.pt/1\\_pt/900/9002.htm](http://www.letorario.pt/1_pt/900/9002.htm)

+ 351 21 711 20 20

[letorario@letorario.pt](mailto:letorario@letorario.pt)